La Comédiathèque



Engarrafamento no Caminho do Cemitério

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Engarrafamento no Caminho do Cemitério

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O cemitério de Beaucon está lotado. Para acolher novos defuntos, seria necessário ampliá-lo. Mas a proprietária do terreno contíguo recusa-se obstinadamente a ceder a mais pequena parcela. Perante esta emergência, o presidente da câmara toma uma medida radical: a partir de agora, é expressamente proibido morrer no território do município, sob pena de procedimento judicial...

Personagens

Simone (ou Simon): Proprietário/a do café
Victor (ou Victorine): Habitante mais velho/a da aldeia
Louise (ou Louis): Habitante mais velho/a da aldeia
Marc (ou Marie): Presidente da câmara municipal
Charles (ou Charline): Proprietário/a do castelo
Francis: Padre da aldeia

Elencos possíveis

1H/5M, 2H/4M, 3H/3M, 4H/2M, 5H/1M

© La Comédiathèque

O Café de l'Avenir, na aldeia francesa de Beaucon. Atrás do balcão, Simone, a proprietária, limpa copos. Sentado ao balcão, diante de um copo de vinho branco, Victor, o habitante mais velho da aldeia, folheia o jornal local antes de o pousar no balcão com um suspiro.

Victor – Porque é que continuo a ler este trapo? Só há más notícias.

Simone – Esse é o jornal de ontem. Experimenta o de hoje, talvez traga notícias melhores.

Victor despreza o jornal que Simone lhe oferece.

Victor – Ou talvez seja pior.

Victor esvazia o copo de uma só vez.

Simone – Um jornal só com boas notícias não se venderia.

Victor – De qualquer forma, só vejo a secção de obituários.

Simone – Ah sim, mas então…

Victor – O que queres...? É a única parte onde mais ou menos sei de quem se fala. E cada vez menos... Todos os velhos que conhecia já morreram. Agora começam a enterrar os jovens...

Simone – Jovens? A quem chamas de jovens?

Victor – Não sei, eu... Oitenta, oitenta e cinco anos... Pessoas que podiam ser meus filhos, vá lá.

Simone – Boas notícias? Não é na secção dos obituários que as vais encontrar.

Victor – Bem, depende...

Simone – Ah sim, de quê?

Victor – Pois... De quem morreu.

Simone – Sim...

Victor – Imagina que compraste uma casa em renda vitalícia.

Simone – Compraste uma casa em renda vitalícia? Tens cento e dois anos!

Victor – Não, descansa. Vendi a minha.

Simone – Em renda vitalícia? Há quanto tempo?

Victor – Hoje faz trinta e dois anos. Já tinha setenta nessa altura. Por isso, posso dizer-te que, se a filha do meu comprador vir o meu nome na secção de obituários, será mais uma boa notícia para ela.

Simone – A filha dele?

Victor – O meu comprador morreu há uns dez anos. Ao que parece, tinha a saúde frágil. É a filha dele que me continua a pagar a renda.

Simone – Que bela herança... E tu, como estás de saúde?

Victor – Estou bem. Vá, serve-me outro copinho de branco. Dizem que o álcool conserva.

Simone serve-lhe outro. Entra Louise, a decana da aldeia, praticamente da mesma idade que Victor.

Louise – Bom dia a todos.

Victor – Senhora decana.

Louise – Não é muito cavalheiro recordar-me disso.

Victor – Oh, à nossa idade, cavalheirismo... O que mais podemos esperar além de um lugar no livro dos recordes?

Louise – E lembro-te que és mais velho que eu.

Victor – Mais velho? Nasceste dois dias depois de mim!

Louise – Ainda assim... O verdadeiro decano és tu.

Simone – O que te sirvo, Louise? Café com aguardente, como de costume?

Louise – Estou com um pouco de dor de estômago esta manhã. Talvez tenha exagerado um pouco com o champanhe ontem à noite. Melhor tomar um gin-tónico.

Victor – Champanhe?

Louise – Estava a celebrar os meus 102 anos, precisamente.

Victor – Em família, suponho.

Louise – Em família, sim. Ou pelo menos o que resta... Enterrei o meu marido há vinte anos e o meu único filho no ano passado.

Victor – É uma das muitas desvantagens de ser centenário. A nossa agenda reduz-se a alguns nomes gravados em mármore nas alamedas de um cemitério.

Louise – Não devíamos sobreviver aos nossos filhos, é antinatural.

Simone serve-lhe o gin-tónico.

Simone – E um gin-tónico para a senhora. Se não te der cabo da saúde, há de pôr-te de pé. Desde que não vás conduzir a seguir...

Louise – Oh, eu sei bem que já não me resta muito tempo.

Simone – Há vinte anos que te ouço dizer isso, Louise. Ainda nos hás de enterrar a todos.

Louise – Não me queixo, eh. Vivi bem. Mas o que posso esperar da vida agora?

Simone – Quem sabe? Talvez venhas a ser a pessoa mais velha de França. Ou até do mundo!

Louise – Quantos anos tem a que detém o título?

Simone – Está no jornal de hoje, justamente. Acabou de morrer. Tinha 117 anos.

Louise – Mais quinze anos para bater o recorde... Não tenho a certeza se tenho paciência...

Simone – Então porque não tu, Victor?

Victor – Quem sabe qual de nós dois viverá mais...

Simone – As apostas estão abertas...

Victor – De qualquer forma, se fores primeiro que eu, prometo que te oferecerei uma bela coroa de flores.

Louise – Tu que nunca me ofereceste flores... nem sequer no meu aniversário.

Victor – Uma bela coroa para uma bela rainha.

Simone – Ainda estamos a falar de funerais ou já passámos para o bolo-rei?

Louise – Se fores primeiro, direi umas palavras bonitas, não te preocupes. Mesmo que não as pense...

Victor – Não me digas que já escreveste o meu elogio fúnebre.

Louise – Leio-te, se quiseres. Seria uma pena que fosses o único a não desfrutar dele.

Victor – Tens tanta certeza de que vou morrer antes de ti?

Louise – Depois dos cem anos, além de viver mais um dia, já não temos muitos desafios.

Simone – A vossa longevidade já se tornou uma competição, não é verdade?

Victor – Sim, já não há muitos concorrentes na aldeia além de nós dois. Somos como os dois finalistas, por assim dizer.

Louise – Vais ver que, dentro de uns anos, depois dos Jogos Paralímpicos, vão inventar uns Jogos Olímpicos para os maiores de cem anos.

Victor – Por que não? Há cada vez mais centenários... E estão em plena forma.

Louise – Às vezes pergunto-me se a Morte se esqueceu de nós...

Victor – Vai lembrar-se de nós, vais ver.

Entra Marc, o presidente da câmara.

Simone – Bom dia, senhor presidente.

Marc – Bom dia, Simone... Minha senhora... Meu senhor... Como estão os nossos dois veneráveis centenários?

Victor – Ah, quando o município se preocupa com os velhos, é sinal de que as eleições se aproximam.

Marc – Está a ser injusto, Victor. Lembro-lhe que fui eu quem remodelou a praça da câmara municipal, para que os nossos queridos idosos pudessem sentar-se num banco tranquilamente a conversar enquanto apanham ar.

Louise – Sim, mas antes era estacionamento gratuito.

Marc – Os carros já não têm lugar no centro da aldeia! Um jardim público é uma melhoria para todos, não acha? E as mães poderão ficar ali com os filhos à saída da escola.

Louise – Pois, mas... agora já não podemos estacionar!

Marc – Não me diga que ainda conduz, Louise! E nem parece que só bebe limonada...

Louise – Já não conduzo muito, é verdade... Mas penso nos outros... E, além disso, não me felicitou pelo meu aniversário!

Marc – O seu aniversário...?

Louise – Foi ontem. O presidente anterior enviava-me sempre um cartão. E um cabaz de produtos regionais...

Marc – Desculpe o esquecimento, tenho alguns problemas para resolver no momento. Mas vamos compensar o quanto antes, certo...? E... quantos anos tem, exatamente?

Louise – Exatamente? 102 anos.

Marc – Ah, sim, bem...

Victor – O senhor presidente tem razão, Louise. À nossa idade já não precisamos de estacionamento. O nosso próximo lugar de estacionamento será numa alameda do cemitério. Ali há sempre espaço, não há parquímetros, e não corres o risco de ser multada.

Marc – Há sempre espaço... Quem me dera...

Simone – Perdão?

Marc – A crise da habitação já não afeta apenas os vivos, sabem?

Louise – O que quer dizer com essas metáforas?

Marc – Pois... Só resta um espaço disponível no nosso cemitério, é isso que quero dizer.

Victor – Um único espaço? É uma piada?

Marc – Não me permitiria brincar com um assunto tão sério, acreditem.

Louise – Mas como é possível uma coisa dessas?

Marc – Como? O cemitério já não tem espaço para novos inquilinos... a menos que despejemos os atuais.

Victor – Inquilinos? Pensava que, pelo menos, todos eram donos da sua última morada, até os mais pobres.

Louise – Não é isso que chamam uma concessão perpétua?

Marc – Já sabem, hoje em dia... uma pessoa pode continuar a acreditar na vida eterna, mas as concessões têm uma perpetuidade bastante relativa.

Victor – Sem mais espaço no cemitério... Isto é de loucos.

Simone – E então, o que vão fazer? Uma lista de espera?

Marc – Teríamos que o ampliar, mas...

Victor – Dizem que governar é prever... Não morre alguém todos os dias nesta aldeia. Tiveram tempo para tomar as medidas necessárias.

Louise – É verdade. Poderiam ter ampliado o cemitério. Em vez de fazer uma praça!

Simone – Bem, Louise, o senhor presidente não ia transformar o parque de estacionamento em frente à câmara num cemitério.

Marc – Claro, este projeto de ampliação está em cima da mesa há anos. Só que...

Simone – Só que?

Marc – Ainda nos falta encontrar o terreno!

Chega Charline, a senhora do castelo.

Charline – Senhor presidente... Minhas senhoras e senhores... Os meus respeitos...

Marc – Ah... Estávamos precisamente a falar de si, senhora baronesa.

Charline – De mim?

Marc – Os nossos concidadãos, com toda a razão, tal como eu, estão preocupados com a atual saturação do nosso cemitério municipal. E perguntavam-me por que ainda não foi realizada uma ampliação para resolver este problema.

Charline – E então?

Marc – Ia precisamente explicar-lhes que a proprietária do terreno contíguo, a baronesa de Valmont — ou seja, a senhora — se recusa a ceder uma parcela à câmara para ampliar o cemitério.

Charline – Ceder uma parte do parque do meu castelo para ampliar o cemitério? Transformei as minhas cavalariças em quartos de luxo que são o orgulho da nossa aldeia. Não vou impor a esses hóspedes distintos uma vista para o cemitério!

Chega Francis, o padre.

Simone – Ah, padre, como representante da Igreja, poderá ajudar-nos a mediar este debate entre a nobreza e o terceiro estado.

Francis – Se puder oferecer-lhes o consolo da religião... De que se trata, minha filha?

Simone – A baronesa recusa-se a ceder uma parte do seu terreno à câmara para ampliar o cemitério, que já está lotado.

Francis – Sim, conheço bem esse problema, infelizmente.

Marc – A senhora baronesa não quer que os clientes do seu Airbnb tenham vistas para as campas dos nossos queridos defuntos.

Francis – Desde sempre, o cemitério de Beaucon envolve a nossa magnífica igreja do século XII. Os fiéis atravessam-no todos os domingos para assistir à missa. Este cemitério faz parte da paisagem! Tal como a morte faz parte da vida.

Charline – Certo. Mas nada me obriga a amputar metade do parque do meu castelo.

Marc – Metade? Está a exagerar! Um décimo, quando muito...

Charline – E quando o novo cemitério também estiver lotado? Pretende alinhar campas até debaixo das janelas do meu castelo?

Marc – Devolvo-lhe a pergunta, senhora baronesa. E quando morrer? O que faremos consigo se já não houver espaço no cemitério?

Charline – Eu não tenho pressa. Mas cabe-lhe a si resolver o problema. Se não houver lugar no cemitério, serei enterrada na minha capela particular, no parque do castelo.

Marc – Aí está o desprezo de classe que caracteriza os privilegiados da sua espécie.

Francis – Por favor, mantenhamos a cortesia. Estou certo de que, com um pouco de boa vontade, encontraremos uma solução que agrade a todos. A começar pelos nossos queridos... futuros defuntos.

Victor – Nós somos os mais interessados, sem dúvida. Somos os próximos na lista, não é, Louise?

Louise – Falta ver qual de nós dois vai ocupar a última vaga.

Simone – Há pouco competiam para ver quem vivia mais e entrava no Guinness dos Recordes, não me digam que agora competem para ver quem parte primeiro para ficar com a última campa do cemitério!

Uma pausa.

Victor – E imagino que não há maneira de fazer reservas, pois não...?

Simone – Não estamos a falar de uma vaga num parque de campismo em agosto.

Louise – Então, quem chegar primeiro, serve-se? E o outro terá de ser enterrado noutro lugar...?

Victor – Nascemos nesta aldeia e sempre vivemos aqui. É aqui que queremos ser enterrados!

Simone – Pois é, mas enquanto não ampliarmos o cemitério...

Victor – Os doentes já se acumulam nas urgências à espera de serem atendidos, agora também os mortos terão que esperar para serem enterrados?

Louise – Mas... diga alguma coisa, Padre!

Francis – Conhecem a posição da Igreja: Dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César... Este assunto é da responsabilidade da câmara municipal. A Igreja já não se ocupa da gestão dos cemitérios há muito tempo.

Charline – De facto. Desde que a República nacionalizou os bens da nobreza e do clero, não é verdade, Padre?

Marc – Lembro-lhe, senhora Baronesa, que deve o seu título de dona do castelo à Revolução. Foi nessa época que a sua família de escravistas adquiriu a propriedade que a senhora herdou, não é verdade?

Charline – Repita, se tiver coragem...

Marc – Dei-me ao trabalho de investigar a sua árvore genealógica. No século XVIII, os seus antepassados eram armadores na região de Bordéus. Vai negar que participaram no comércio de escravos?

Charline – Se eu fosse um homem da sua condição, já lhe teria dado um murro.

Marc – Se eu fosse um homem da sua condição, já a teria atravessado com a espada.

Intervém Francis.

Francis – Vamos, vamos... Senhor presidente... Senhora baronesa... Acalmem-se! Não ressuscitem velhas disputas que já não têm lugar nos dias de hoje.

Marc e Charline fazem um esforço para não chegarem às mãos.

Charline – Se não tivéssemos deixado todos esses estrangeiros enterrarem-se aqui, o nosso encantador cemitério não estaria sobrelotado hoje...

Marc – Esses estrangeiros?

Charline – Gente de fora da aldeia, pelo menos...

Marc – Está a dizer isso por mim?

Charline – Creio que os seus pais eram italianos. E estão enterrados no nosso cemitério, não é verdade?

Marc – A sua família é originária de Bordéus. Era de lá que partiam os seus navios para o seu ignominioso tráfico...

Charline – Bordéus ainda é França. E a minha família está estabelecida em Beaucon há gerações.

Marc – Os meus avós eram italianos, de facto. O meu pai era pedreiro, e não tenho vergonha das minhas origens. Mas a senhora... Mesmo sendo baronesa, não tem razão para se orgulhar das suas.

Silêncio tenso.

Louise – É verdade que, nos últimos anos, muita gente de fora veio aqui acabar os seus dias.

Marc – Aqueles a quem chama turistas têm casas de férias aqui, pagam impostos e têm direito a ser sepultados no nosso cemitério. O presidente da câmara não lhes pode recusar esse direito.

Francis – Infelizmente, o nosso encantador cemitério não pode acolher toda a miséria do mundo.

Victor – A miséria? Ora... Os burgueses boémios de Paris que fazem disparar os preços das casas antes de ocuparem o nosso cemitério...

Marc – Seja como for, se os papas não se tivessem oposto durante séculos à cremação, não estaríamos nesta situação...

Simone – Temos de admitir que, neste ponto como em tantos outros, a Igreja nem sempre favoreceu o progresso, não é, senhor padre?

Francis – Agora a culpa é minha.

Charline – Em todo o caso, não é minha. Simone, querida, serve-me um Fernet-Branca. Tudo isto deu-me uma dor de cabeça.

Marc – Não teme envenenar-se? Sabe que o Fernet-Branca é uma especialidade italiana...

Simone – Um Fernet-Branca para a senhora baronesa. E para o senhor, Padre, o que vai ser? Um pouco de vinho de missa? Abençoei-o esta manhã...

Francis – Um café, por favor.

Simone serve-lhe um café.

Simone – E um cafezinho para o Padre. Então, senhor padre? E essa investigação, como vai?

Charline – Uma investigação? Que investigação?

Simone – O senhor padre está à procura de um cadáver...

Francis – Como sabem, a nossa igreja tem o nome do padroeiro da aldeia, o beato padre Barnabé, cujas relíquias desapareceram durante a Revolução.

Marc – O que o senhor chama os tumultos da Revolução, senhor padre, é a justa revolta do Povo contra a tirania, que lançou as bases da nossa República Francesa.

Francis – Enfim, após a nacionalização dos bens da nobreza e do clero, a que a senhora baronesa aludiu há pouco, o castelo e a sua abadia foram vendidos a ricos comerciantes...

Charline – Tudo isso para financiar as desastrosas aventuras militares de Napoleão.

Marc – Não teria a crueldade de lhe lembrar, Senhora, que é a Napoleão que deve o seu título de Baronesa.

Simone – Ah, sim?

Marc – Foi a Bonaparte que a sua família comprou esse título de nobreza do Império, não é verdade?

Charline – Ora, parece que um italiano está fascinado pela História de França. A fé do convertido, sem dúvida...

Marc – Como os pais de Napoleão eram de origem italiana, é quase à Itália que deve esse título de nobreza de trazer por casa.

Francis prefere continuar com o que estava a fazer.

Francis – Seja como for, como consequência dessas sucessivas mudanças de proprietários e do saque da abadia, perdeu-se o rasto das relíquias de São Barnabé, que já eram veneradas na Idade Média. Cometeram-se muitas atrocidades durante a Revolução, lamentavelmente.

Charline – Não seria melhor deixar esse santo homem descansar em paz, onde quer que esteja o seu corpo?

Francis – Talvez... Mas imagine que encontrávamos essas relíquias. A aldeia podia tornar-se um lugar de peregrinação...

Marc – Se isso puder favorecer o comércio e o emprego no nosso município... estou disposto a acreditar em Deus e nos milagres!

Um silêncio.

Louise – E se lhe pagasse um adiantamento, Senhor Presidente?

Marc – Um adiantamento?

Louise – Por essa sepultura que ainda está disponível. Está bem situada, pelo menos? Não demasiado perto da entrada, para evitar correntes de ar.

Victor – E porque é que essa última sepultura deve estar reservada para ti?

Louise – A galanteria deveria levar-te a ceder-me a precedência, não achas?

Victor – Nem pensar... Será para o primeiro que morrer, e ponto final.

Simone – Tens intenção de te antecipar, Victor?

Francis – Lembro-vos que isto vai contra os princípios da nossa religião católica!

Simone – Está a ver ao que chegámos, senhor presidente? Estes dois velhotes estão dispostos a atirar-se para debaixo de um comboio só para ficarem com a última sepultura! É preciso fazer alguma coisa...

Marc – Infelizmente, já há muito que os comboios não param em Beaucon. E, de qualquer modo, é à baronesa que têm de pedir isso.

Charline – Não se pode abrir outro cemitério? A câmara tem terrenos noutros sítios...

Marc – Fica ao lado do aterro sanitário!

Charline – Ali ou noutro sítio qualquer...

Marc – A senhora não se importa, tem um panteão familiar. O seu lugar já está reservado! Mas vocês, os mais velhos, gostariam de ser tratados como trastes velhos?

Louise – Que horror!

Marc – Um cemitério ao lado da lixeira? Até na morte haveria primeira classe e classe económica!

Simone – Pois é... Nem na morte somos iguais. A Revolução não acabou com todos os privilégios, isso está claro.

Marc – Recuso-me a instalar um cemitério entre uma sucata de automóveis e a lixeira municipal! Ou ampliamos o cemitério atual ou nada feito!

Simone – Mas isso é impossível! Os mortos têm de ser enterrados em algum lado!

Ouve-se o som de travagens e uma colisão em frente ao café.

Charline – O que se passa?

Simone aproxima-se da janela do café e olha.

Simone – Um acidente, ao que parece.

Marc – Vou ver.

Marc sai.

Louise – Sempre disse que essa passadeira é perigosa. Mesmo na curva.

Victor – E com aquele enorme plátano a tapar a visibilidade aos automobilistas...

Simone – Já perdi a conta às vezes que pedi à câmara para mandar abater aquele plátano.

Louise – Agora, com estes ecologistas, já não temos direito de cortar uma árvore.

Victor – Espero que não seja muito grave.

Francis – Talvez devesse ir ver também. Se alguma das vítimas precisar dos últimos sacramentos...

Louise – Acho que prefeririam ver chegar um médico antes de um padre, não?

Simone – Vou ligar para os bombeiros...

Marc regressa.

Charline – E então?

Marc – É o Doutor Pinot. Voltava da sua ronda. Ao que parece, estava algo embriagado... Atropelou uma mulher que atravessava a rua sem olhar.

Simone – Há feridos?

Marc – O médico está ileso, mas esta pobre mulher...

Simone – Ia ligar para os bombeiros.

Marc – Pode ligar. Mas, infelizmente, já não se trata de uma emergência.

Louise – E a vítima?

Marc – O doutor examinou-a e foi categórico. Morreu no momento.

Victor – Meu Deus...

Louise – Mas é alguém da aldeia?

Marc – É a Josiane Boivin.

Victor – Josiane?

Simone – Conhecia-a?

Victor – Ela é quem pagava a renda vitalícia da minha casa desde que o pai dela morreu.

Simone – Não se preocupe. Os herdeiros continuarão a fazer os pagamentos...

Victor – Pobre Josiane... Nem chegou a usufruir da minha casa.

Louise – Pois é... Mas, mesmo assim, teve sorte na sua desgraça.

Marc – Ah, sim?

Louise – Ela é quem vai herdar a última sepultura disponível no cemitério...

Victor – E quanto a nós...

Louise – Vai-nos calhar o aterro.

Apagão.

Atrás do balcão, Simone, a dona, consulta o telemóvel. Francis chega com um grande dossiê debaixo do braço.

Francis – Bom dia, Simone.

Simone – Já ouviu falar do ChatGPT, senhor padre?

Francis – Ah, sim... Inteligência artificial... Já ouvi falar, de facto. Alguns acham que é uma invenção diabólica...

Simone – Talvez. Mas podemos fazer-lhe qualquer pergunta e ele responde. É mais fiável do que Deus, pelo menos... Veja lá: sabe quantas estrelas há na nossa galáxia?

Francis – A verdade é que não...

Simone – Centenas de milhares de milhões.

Francis – Ah, sim...

Simone – E sabe quantas galáxias há no universo?

Francis – Não...

Simone – Milhares de milhões.

Francis – Ah, sim...

Simone – São milhares e milhares de milhões de estrelas.

Francis – Sim.

Simone – E em volta de cada uma dessas estrelas orbitam dezenas de planetas.

Francis – Sim.

Simone – Imagine: milhares e milhares de milhões de planetas!

Francis – Sim.

Simone – Seria incrível que o nosso fosse o único habitado por animais dotados de inteligência, não acha?

Francis – Isso... só Deus sabe.

Simone – Não, estatisticamente é muito improvável. Para não dizer praticamente impossível.

Francis – Se a senhora o diz...

Simone – Está claro que há muita gente lá em cima, é evidente.

Francis – Lá em cima?

Simone – No céu, por cima das nossas cabeças!

Francis – Ah, sim...

Simone – Então, porque é que Deus teria escolhido enviar o seu filho único precisamente para a Terra em vez de para outro desses milhares de milhares de milhares de milhões de planetas?

Francis – Confesso que nunca me fiz essa pergunta.

Simone – Mesmo assim, admita que a existência de pelo menos alguns extraterrestres é muito mais provável do que a de um único Deus.

Francis – A religião e a ciência são coisas muito diferentes, minha filha. Não vale a pena pô-las uma contra a outra.

Simone – No entanto, há uns séculos, a Igreja defendia que a Terra era plana. E condenava à fogueira qualquer um que afirmasse que era redonda.

Francis – Errare humanum est...

Simone – Perseverare diabolicum. Um café, como de costume?

Francis – Sim, por favor.

Simone – Então, acredita em Deus, padre?

Francis – Uma pergunta bastante estranha para se fazer a um sacerdote...

Simone – Acredita que uma mulher pode conceber um filho pela obra do Espírito Santo, que um morto pode voltar à vida, que se pode transformar água em vinho e devolver a visão a um cego com uma simples bênção?

Francis – Grande é o mistério da fé...

Simone – Mesmo assim...

Francis – A senhora acredita em extraterrestres.

Simone – Mas isso não é uma questão de fé, senhor padre. Nem sequer de conhecimento. É uma hipótese baseada em probabilidades científicas que se aproximam da certeza.

Francis – Acho que prefiro um descafeinado...

Simone – Além disso, estar convencida da existência de vida extraterrestre algures no cosmos não é o mesmo que acreditar que uns homenzinhos verdes já nos teriam visitado nos seus discos voadores.

Francis – De facto.

Simone – A sua fé não assenta em nada de concreto e desafia até o bom senso.

Francis – A fé não se fundamenta em probabilidades, minha filha, mas numa revelação e numa evidência. E para os mais céticos, acreditar também pode ser uma decisão...

Simone – Ah, sim?

Francis – Acreditar é, acima de tudo, querer acreditar.

Simone – Um pouco como acreditar no Pai Natal, com medo de que, se deixarmos de acreditar, ele deixe de nos trazer presentes.

Francis – Posso beber o meu descafeinado, por favor?

Simone serve-lhe o descafeinado. Francis abre o seu dossiê.

Simone – E o que é esse grande dossiê, padre? As provas da existência de Deus?

Francis – Quase...

Simone – A contabilidade da paróquia? Tem uma auditoria fiscal?

Francis de repente parece muito exaltado.

Francis – Acabei de descobrir um verdadeiro tesouro numa cripta escondida da nossa igreja.

Simone – Pedras preciosas?

Francis – Não, não exatamente.

Simone – Barras de ouro?

Francis – Também não... São documentos de valor incalculável.

Simone – Certo...

Francis – Documentos provavelmente escondidos durante a Revolução, que nos podem conduzir às relíquias perdidas de São Barnabé.

Simone – Mais um cadáver em perspetiva... Acha que é boa altura para isso, quando o cemitério está cheio?

Francis – Tem razão... Também é urgente encontrar uma solução para esse problema delicado...

Simone – Porque acha que a baronesa se recusa a vender parte do terreno?

Francis – Ela já nos explicou as suas razões...

Simone – A menos que haja outras razões, menos confessáveis.

Francis – Quais?

Simone – Sabe que é viúva.

Francis – Sim.

Simone – O seu marido desapareceu há alguns anos. Diz-se que se afogou no rio que passa pela sua propriedade, e nunca encontraram o corpo.

Francis – Como São Barnabé, no fundo. Mais um corpo que não encontrou sepultura. Que descanse em paz.

Simone – Corre o rumor de que ela o assassinou para herdar a fortuna e o enterrou no parque do castelo. Talvez ela tema que, ao cavar novas sepulturas nesse local, encontrem o cadáver do marido...

Francis – Não passam de boatos, minha filha. Não nos entreguemos a essas calúnias.

Simone – Às vezes, os rumores têm um fundo de verdade. É o princípio da fé religiosa, não é?

Francis – Desculpe?

Simone – Jesus que morre na sexta-feira e ressuscita no domingo, entre nós... Os primeiros textos que relatam essa história inverosímil foram escritos mais de vinte anos depois da morte de Jesus. E mesmo assim, acredita nisso...

Francis – Claro que sim!

Simone – Mas isso não passa de uma fábula. Um boato que circula há mais de dois mil anos. Então, por que não poderia a Baronesa ter enviado o Barão para o outro mundo? É muito mais fácil do que trazer alguém de volta, não acha?

Francis – Isso... só Deus sabe, minha filha.

Simone – Deus... e talvez o senhor. O senhor é o confessor dela, não?

Francis – Mesmo que fosse, estou sujeito ao segredo da confissão...

Charline chega.

Charline – De que segredo estão a falar?

Simone – Mencionava aquele odioso boato que diz que assassinou o Barão.

Charline – Um boato iniciado pelo presidente da câmara para me dissuadir de concorrer contra ele nas próximas eleições. Se o divulgar, aviso-a que também farei uma queixa contra si.

Simone – Eu, a espalhar esses mexericos? Estava justamente a dizer ao senhor padre que achava absolutamente intolerável manchar assim a reputação de pessoas honradas. Não é verdade, padre?

Charline – E agora ele quer que eu ceda uma parte do parque do meu castelo. De maneira nenhuma!

Francis – Mesmo que seja pelo bem da comunidade... e da paróquia?

Charline – Também é uma questão de princípios. Não vou ceder às suas exigências só para provar que não enterrei ninguém na minha casa.

Simone – É de facto uma manobra grosseira.

Charline – Então, está do meu lado, Simone?

Simone – Depende...

Charline – Se eu ganhar as eleições, gostaria de ser minha adjunta na câmara?

Simone – Depende... Paga bem?

Charline – Digamos que o cargo tem algumas vantagens.

Simone – Vantagens...?

Charline – Um subsídio, por exemplo, para renovar a fachada do Café de l'Avenir, interessava-lhe? Afinal, este estabelecimento tem sido há muito tempo um ponto de encontro essencial na nossa aldeia. Quase um monumento histórico. Praticamente um serviço público...

Simone – Não deixa de ser verdade.

Charline – Além disso, um vereador pode evitar certos problemas... Sobretudo quando tem um negócio.

Simone – Problemas...?

Charline – Consta-me que não paga qualquer taxa municipal pela esplanada, que ocupa espaço público... Um privilégio que uma nova presidente da câmara, mais preocupada em equilibrar as contas, poderia rever...

Simone – Vou ter de pensar nisso.

Charline – E o senhor, padre? O que acha? Um militar ou um clérigo ficam sempre bem numa lista eleitoral. E não tenho nenhum general à mão...

Francis – A minha função proíbe-me de participar na vida política do município, sabe bem. Mas é necessário encontrar uma solução para os nossos queridos defuntos...

Chegam Louise e Victor.

Simone – Olá, Louise... Olá, Victor... Estávamos mesmo a falar de vocês.

Victor – De nós?

Simone – Bem, sobre o que faremos convosco quando...

Louise – Não preguei olho a noite toda. Sonhei que me levavam para o aterro para me reciclarem, mas que nem lá me queriam porque não havia nada de aproveitável no meu corpo.

Simone – Ora, isso é forte...

Victor – Senhora baronesa, não deixará que nos façam uma coisa dessas, pois não?

Charline – Assim que eu for presidente desta aldeia, encontraremos uma solução, não se preocupem.

Louise – Vai enterrar-me no parque do castelo, ao lado do seu marido?

Charline – Há já algum tempo que se fala em fechar a escola primária que só tem uma dezena de alunos.

Victor – Sim... Foi mesmo lá que eu e a Louise nos conhecemos... há quase um século.

Louise – É verdade. Como o tempo passa. Parece que foi ontem.

Victor – Ainda te lembro com as tuas tranças e o teu aventalzinho cor-de-rosa.

Louise – Era uma miúda naquela altura.

Victor – E não mudaste nada...

Charline – Poderíamos construir o novo cemitério ali. Há um grande pátio...

Victor – Fechar a escola para ampliar o cemitério?

Charline – Assim, pelo menos, ficariam juntos. Se foi lá que se conheceram...

Francis – Francamente, senhora baronesa... Imagine o símbolo para uma aldeia que já está a perder habitantes: enterrar os antigos alunos no recreio da escola...

Simone – Temos de encontrar um lugar para todos esses cadáveres.

Louise – Só vêm aqui instalar-se reformados. Portanto, claro...

Victor – Não é fechando turmas que vamos atrair os jovens. Se for eleita, deveria lutar para manter esta escola.

Louise – O que eu quero é um lugar no cemitério. E, ao que parece, tem-se tornado mais difícil de encontrar do que uma vaga numa creche.

Victor – És uma velha egoísta, Louise.

Louise – E tu um velho trasto.

Victor – Nem no aterro te quererão! Já o disseste tu mesma...

Marc chega.

Marc – Senhoras e senhores... Está tudo bem?

Simone – A rotina. Dois centenários a lutar por um lugar no cemitério.

Marc – Senhora baronesa... Andava precisamente à sua procura...

Charline – Se é para anexar outra parte do meu parque, aviso-lhe que não mudei de opinião.

Marc – E agora percebo melhor porquê...

Charline – Desculpe?

Marc – Acabei de ser informado do seu projeto.

Charline – O meu projeto...?

Marc – O de criar um campo de golfe no parque do seu castelo.

Charline – O projeto ainda é confidencial... Quem o informou?

Marc – Tenho amigos por todo o lado, já sabe.

Charline – Amigos? Espiões, quer o senhor dizer...

Marc – Então não o nega.

Charline – Ter grandes projetos para o nosso município não é crime. Por que razão deveria escondê-lo?

Marc – Os campos de golfe têm uma pegada de carbono catastrófica. Desperdiçam um recurso hídrico cada vez mais escasso nos dias de hoje.

Charline – Este projeto criaria empregos no município. E os visitantes revitalizariam o comércio local, cada vez mais moribundo.

Marc – Acha mesmo que os seus clientes endinheirados virão fazer as suas compras na loja da aldeia e tomar o aperitivo no Café de l'Avenir?

Charline – Mais do que os mortos que quer enterrar no meu parque, de qualquer forma.

Marc – É por isso que se recusa a vender?

Charline – Um campo de golfe em Beaucon parece-me mais promissor para o futuro do que um novo cemitério, de facto.

Marc – E é também por isso que quer tomar o meu lugar na câmara? Para impor este projeto que de outra forma não tem nenhuma possibilidade de concretização.

Charline – Porque o senhor se vai opor por vingança! É um abuso de poder, e sabe-o bem!

Marc – Opor-me-ei porque este projeto não está de acordo com o Plano Diretor do nosso município e além disso é uma aberração ecológica. Tudo para criar um parque de diversões reservado para os ricos.

Charline – O golfe é, acima de tudo, um desporto.

Marc – A petanca também o é.

Charline – Desculpe, mas os hóspedes de luxo do meu castelo não vêm jogar à petanca na praça da aldeia, como o senhor.

Momento de tensão.

Simone – Sim... A vida é uma partida de golfe. E todos desempenhamos o papel da bola. Sabemos que acabaremos no buraco, mas não sabemos em quantos golpes.

Victor – E também não sabemos quem bate na bola...

Simone – Jogaria Deus ao golfe, padre?

Charline – Golfe ou não, nunca cederei o meu terreno!

Marc – Muito bem, nesse caso... será proibido morrer no município até novo aviso.

Louise – Proibir?

Marc – Também se proíbe uma mulher de embarcar num avião no fim da gravidez. De certa maneira, é proibido nascer a bordo. Porque não haveria eu de proibir que se morra no meu município?

Charline – E como pensa impedir que os seus administrados morram, senhor presidente?

Marc – Vou pôr uma proposta de regulamento municipal à votação do conselho. É tão simples como isso.

Charline – Isso é uma loucura! Nenhuma pessoa sensata votará uma deliberação tão absurda. E duvido muito que seja legal!

Marc – Isso já veremos...

Apagão.

Simone limpa copos. Victor e Louise leem um edital municipal afixado na montra do café, voltada para o público.

Louise – Por decisão da câmara municipal, é proibido morrer em Beaucon. Quem infringir esta proibição será perseguido judicialmente.

Victor – É incrível!

Louise – Perseguido?

Victor – Por quem?

Louise – Até onde?

Victor – Uma das vantagens de estar morto é que já ninguém nos pode perseguir, não é?

Louise – Pensava isso até hoje...

Simone – Até onde sei, não há convenção de extradição com o além-túmulo, mas enfim...

Victor – Uma multa, então?

Louise – Talvez para os herdeiros.

Victor – Deve ser... Enquanto o morto continuar morto sem autorização, a família continua a pagar uma multa.

Simone – Enquanto o morto continuar morto...?

Charline chega.

Charline – Senhoras e senhores... O que se passa? Têm caras de enterro...

Victor – É mesmo a expressão certa! Veja isto, senhora baronesa...

Charline lê a ordenança.

Charline – Este tipo é um louco perigoso. Não podemos deixá-lo à frente da câmara, é evidente!

Simone – É verdade que é um pouco surrealista, não?

Charline – Surrealista? É completamente absurdo, sim!

Marc chega.

Victor – Então essa é a solução que encontrou?

Marc – Descobri que vários municípios já proibiram que se morra no seu território enquanto não conseguem ampliar os respetivos cemitérios.

Louise – E quanto tempo durará?

Victor – Para o senhor é fácil, ainda é novo! E nós?

Marc – Durará o tempo necessário. A ordenança será levantada quando a senhora baronesa consinta em ceder-nos parte do seu terreno.

Charline – Eu chamo isso de chantagem. Ao proibir morrer, toma todos os residentes do município como reféns, começando pelos nossos queridos idosos...

Louise – Então já não temos direito a morrer quando queremos?

Victor – Que barbaridade...!

Louise – E se morrermos de qualquer forma, que risco corremos?

Victor – Quando chega, a morte não é como a vontade de fazer chichi: não se consegue aguentar indefinidamente.

Louise – Embora à nossa idade também nem sempre se consiga aguentar a vontade de fazer chichi...

Marc – Se violar esta ordenança, de qualquer forma, será enterrado noutro lugar. Se outro município aceitar recebê-lo...

Victor – Noutro lugar? E por que não no estrangeiro também?

Simone – França já exporta os seus resíduos tóxicos para África, agora também vamos exportar os nossos mortos.

Marc – Sim... Enquanto os africanos arriscam a vida vindo aqui para não morrer de fome no seu próprio país.

Louise – Mas é aqui que queremos ser enterrados! Em França! Na nossa aldeia!

Francis chega.

Francis – Olá, meus filhos... Está tudo bem?

Louise – Não, não está tudo bem, senhor padre. O Senhor Presidente proíbe-nos de morrer!

Francis – Desculpe?

Louise aponta para a ordenança, e Francis examina-a.

Victor – Faça algo, Padre!

Francis – Proibir morrer? Mas isso é absurdo!

Marc – Estou apenas a responder a uma situação de emergência da qual não sou responsável.

Francis – Senhor Presidente, no meu ministério sempre respeitei à risca o princípio da separação entre a Igreja e o Estado... mas ao proibir os meus paroquianos de morrer, está a invadir o domínio de Deus!

Victor – E as nossas liberdades individuais!

Marc – Vocês já passaram dos cem anos! Podem esperar mais um bocadinho.

Francis – Esperar o quê?

Marc – Que a senhora baronesa se decida a mostrar civismo.

Simone – Talvez seja o momento de fazer um gesto, senhora baronesa...

Charline – Nem pensar! Não cederei à pressão!

Um momento, antes que Victor e Louise iniciem uma conversa à parte, à qual os demais assistem com surpresa.

Victor *(a Louise)* – Não te parece suspeita tanta teimosia?

Louise – Se ela matou o marido e o enterrou no parque...

Victor – Nesse caso, um campo de golfe é muito mais conveniente...

Louise – Um buraco é menos profundo que uma sepultura.

Victor – Um buraco...?

Louise – De golfe!

Victor – É verdade. Assim é muito menos provável desenterrarem acidentalmente um cadáver.

Louise – O do marido dela, por exemplo.

Charline decide intervir.

Charline – Talvez estejam os dois surdos, mas eu estou a ouvi-los muito bem!

Simone – Enquanto isso, o que propõem para o cemitério?

Silêncio pesado.

Charline – Poderíamos fazer uma limpeza das sepulturas que já não são mantidas. Para abrir espaço...

Marc – Ou seja, expulsar do cemitério os mortos mais pobres?

Charline – Se a família não pagou pela renovação da concessão...

Marc – De qualquer forma, levará tempo. Há um procedimento a seguir.

Simone – Não resolverá o problema definitivamente, isso é certo. Mas já permitiria lidar com uma urgência...

Charline – Padre, o senhor que conhece bem a questão...

Francis – Há uma sepultura abandonada à entrada do cemitério...

Charline – Sabe de quem é?

Francis – Não... Não fui eu quem celebrou o funeral. Além disso, nem sei se o falecido era católico...

Marc – E por que isso?

Francis – É um nome estrangeiro, creio.

Victor – Estrangeiro?

Francis – Magrebino... ou Africano.

Marc – Então, deveríamos desalojar este bom homem para abrir espaço para os verdadeiros franceses? Uma espécie de preferência nacional pós-morte, por assim dizer...

Charline – Se é a única forma de evitar a vala comum para os nossos concidadãos.

Marc – Lembro-lhes que muitos franceses têm um nome estrangeiro e não são católicos... Como eu, na verdade.

Simone – O senhor é muçulmano, senhor presidente? Além de italiano e comunista...

Marc – Disse que não era católico. Não disse que era muçulmano.

Simone – Não me diga que é...?

Marc – Sou ateu. E anticlerical. Com todo o respeito, senhor padre, não acredito em superstições e confio apenas na racionalidade. E, raios, se não podemos ampliar o cemitério porque a nobreza se recusa a ceder um terreno e o clero lava as mãos, então deixem os vossos corpos à ciência!

Os demais parecem consternados. Francis faz o sinal da cruz.

Francis – Jesus, Maria, José...

Apagão.

Simone consulta o telemóvel atrás do balcão. Charline está sentada ao balcão a ler uma revista de golfe. Victor e Louise estão sentados a duas mesas diferentes.

Simone – É incrível, mas o Homo Sapiens não é a única espécie inteligente que já viveu na Terra.

Victor – Por inteligência, queres dizer a capacidade de tornar o nosso próprio planeta inabitável em meia dúzia de décadas?

Simone – Também houve os Neandertais, claro.

Louise – Os neerlandeses? Essa gente é assim tão inteligente?

Simone – Mas também houve os Denisovanos.

Victor – Os Denisovanos?

Simone *(a ler)* – Algumas populações da Ásia ainda conservam no ADN vestígios desta forma antiga da humanidade.

Louise – E como é que sabes tudo isso?

Simone – ChatGPT.

Louise – Chat quê? Estás a falar em código?

Victor – Acho que a inteligência artificial lhe fez um curto-circuito na cabeça.

Simone – Se várias espécies humanas apareceram neste único planeta, por que não poderiam surgir seres inteligentes noutro lugar do universo?

Victor – Desde que não venham aqui incomodar-nos.

Louise – Isso sempre animava um bocado a aldeia. Porque, convenhamos, em Beaucon não se passa nada. Sobretudo no inverno...

Victor – Vida, dizes? Os homens já passam o tempo a matar-se uns aos outros. Imagina se chegassem extraterrestres aqui?

Simone – Poderiam ensinar-nos muitas coisas, não?

Victor – Como fizeram os conquistadores europeus aos povos indígenas da América, queres dizer?

Simone – Ainda há uma pergunta...

Louise – O quê mais?

Simone – Porque é que os primatas desenvolveram a inteligência em apenas algumas centenas de milhares de anos, enquanto outras espécies não o fizeram?

Victor – E então?

Simone – Vou perguntar ao GPT... *(Escreve no telemóvel.)* Segundo ele, a inteligência nem sempre é a melhor resposta para nos adaptarmos ao ambiente.

Louise – O quê?

Simone – Bem... Tornar-se inteligente nem sempre é a melhor maneira de sobreviver num ambiente hostil.

Victor – Então achas que a Louise e eu chegámos aos cem anos porque temos um cérebro de caracol?

Simone *(continuando a ler)* – Algumas espécies, em vez de desenvolverem a inteligência, apostaram tudo na reprodução em massa.

Louise – É um facto que os tolos tendem a ter muitos filhos.

Victor – Isso explicaria por que razão não são uma espécie em vias de extinção. Até parece que os tolos se estão a tornar a maioria.

Simone – E, acima de tudo, a inteligência é uma forma de adaptação muito cara em termos de energia.

Louise – É verdade que, para ler, muitas vezes é preciso acender a luz.

Simone – Nos humanos, o cérebro representa cerca de 2% da massa corporal, mas consome cerca de 20% da energia total do corpo.

Victor – Então, poupar neurónios é poupar energia? Nesse caso, todos os tolos são ecológicos.

Louise – E ao contrário...

Simone *(a ler)* – Para algumas espécies, desenvolver um cérebro maior e mais complexo não era viável, por falta de alimentos e energia.

Victor passa o seu copo vazio para Simone.

Victor – Vá, serve-me outro copo. Com essa conversa toda, já me está a aquecer a cabeça. Isto há de refrescá-la.

Simone serve-o.

Simone – E a senhora, senhora baronesa, o que está a ler?

Charline – Uma revista de golfe...

Simone – Ah, sim, claro.

Marc chega.

Marc – Senhoras e senhores...

Charline – Então, Senhor Presidente, conseguiu expulsar aquele estrangeiro em situação irregular do nosso cemitério?

Marc – Realizei a investigação preliminar, de facto.

Simone – E então?

Marc – Esse estrangeiro, como a senhora diz, é um herói caído em combate durante a Grande Guerra.

Charline – Um herói?

Marc – O seu nome está no nosso monumento aos caídos! Não vamos enterrar os libertadores da França numa vala comum!

Louise – Ao mesmo tempo, a guerra de 14 já começa a ser antiga, não?

Victor – Nem nós tínhamos nascido nessa altura.

Louise – Também não participaste na de 39-45...

Victor – Fui reformado porque tinha pés chatos.

Marc – De qualquer forma, durante o meu mandato, deixaremos os heróis de guerra descansar em paz.

Simone – Então voltamos ao ponto de partida...

Victor – Todos teriam de fazer concessões...

Louise – Sim... Concessões perpétuas.

Francis chega.

Francis – Bom dia a todos.

Marc – Senhor padre. Espero que não esteja a administrar demasiadas extremas-unções por estes dias.

Francis – Não se preocupem. Até celebrei um batizado esta manhã. Já é tão raro na nossa aldeia...

Marc – Um futuro aluno para a nossa escola primária...

Simone – Dito isto, Senhor Presidente, noto que desde o seu decreto, ninguém morreu em Beaucon.

Victor – É verdade... É bastante curioso.

Charline – Acha que Deus não ousaria desafiar a sua proibição chamando os Seus filhos? O que pensa, senhor padre?

Francis – Não blasfememos, senhora baronesa. Deus não obedece às autoridades municipais. Com todo o respeito, Senhor Presidente.

Simone dá uma olhada no jornal.

Simone – Não...? Veja, está no jornal! O seu decreto está na capa!

Marc pega o jornal e lê.

Marc – Está proibido morrer em Beaucon. Qualquer infrator será processado.

Charline – Uma coisa é certa... vamos ser a chacota de toda a França!

Apagão.

Simone olha para o ecrã do telemóvel atrás do balcão. Victor e Louise estão sentados a mesas separadas.

Simone – Sabem quantos seres humanos morreram desde o início da humanidade?

Louise – Vai-nos cansar muito com a sua inteligência artificial...

Simone – Mais de 100 mil milhões.

Victor – Acho que preferia a sua estupidez natural.

Simone – Percebem? Isso significa que na Terra há dez vezes mais mortos do que vivos.

Louise – Não admira que os cemitérios comecem a transbordar.

Simone *(a ler)* – Se todas as sepulturas tivessem sido conservadas, haveria um cemitério do tamanho de Itália.

Louise – Itália?

Simone – Mais de metade da França... Felizmente, não conservamos todas essas campas para sempre.

Victor – E quanto tempo dura uma sepultura, então?

Simone – Quando não se é uma celebridade, não mais de 50 anos. Depois, os ossos são colocados num ossário. Para libertar espaço para os recém-chegados.

Victor – Cinquenta anos? Afinal, o descanso eterno dura menos do que uma vida!

Louise – Até que todos te tenham esquecido...

Francis chega com um jornal.

Francis – Ainda se fala de Beaucon no jornal!

Victor – Ah, sim?

Francis – Ouçam isto... *(Lê)* Desde que o presidente da câmara proibiu as pessoas de morrer, não se registou um único óbito em Beaucon. Há quem fale em milagre...

Louise – Um milagre?

Francis – Um milagre laico, então. Nunca vi o Senhor Presidente na missa aos domingos, e não esconde o seu ateísmo.

Victor – Acha que, ao proibir as pessoas de morrer no município, o presidente da câmara pode realmente ter impedido que alguém morresse?

Simone – Alguns santos foram beatificados por menos do que isso.

Louise – A propósito, senhor padre, que milagre fez o nosso São Barnabé para ser canonizado?

Francis – Os poucos documentos da época que ainda conservamos às vezes são contraditórios neste ponto, mas... teria devolvido a vista a um paralítico.

Victor – Ah, sim, isso é... É bastante contraditório, de facto. Devolver a vista a um paralítico...

Louise – Mas, no início, a pessoa também estava cega ou...?

Francis – Está escrito em latim, e a letra é pouco legível... Mas parece que o pobre homem continuou paralítico até morrer.

Louise – Ah, sim, é um milagre um bocado fraco. Se ao menos o pobre paralítico tivesse ganho uma medalha nos Paralímpicos...

Victor – Então... realmente acham que vale a pena incomodar-se em encontrar as relíquias do seu São Barnabé?

Simone – O nosso Presidente que detém a Morte com um simples decreto municipal, isso sim é algo. A ele deveriam canonizá-lo!

Francis – Vamos, não caiamos na superstição...

Victor – É curioso como essa frase soa estranha na boca de um sacerdote.

Francis – Com certeza é apenas uma coincidência. Não se morre todos os dias em Beaucon...

Simone – Mas se for verdade, as funerárias não vão agradecer. Acabarão por falir.

Louise – De qualquer forma, segundo o meu médico, estou em plena forma... para uma centenária.

Victor – Sim, eu também.

Simone – Quem é o vosso médico?

Louise – O doutor Pinot.

Simone – Pinot? Ao menos há que lhe reconhecer uma qualidade: mesmo bêbado, sabe reconhecer um morto quando o vê.

Francis – Sobretudo quando foi ele a atropelar a vítima, a conduzir completamente bêbado.

Louise – A pobre Josiane...

Charline chega.

Victor – Devemos agradecer ao Senhor Presidente por nos ter devolvido uma nova juventude?

Louise – Se nos prometer a vida eterna, talvez no final vote nele.

Charline – Não acreditem em todas as tolices que leem no jornal!

Simone – Não se pode evitar que surjam rumores. Além disso, dupliquei a minha faturação esta manhã. Curiosos vêm ver a aldeia onde nunca se morre.

Victor – Se é bom para o negócio, então...

Louise – E para o mercado imobiliário.

Simone – De certeza que não é o sítio ideal para comprar uma casa em renda vitalícia...

Victor – Na falta de encontrar as relíquias de São Barnabé, conformamo-nos com um santo laico e anticlerical.

Simone – De qualquer forma, um local de peregrinação atrai mais do que um campo de golfe para o pequeno comércio.

Louise – E os seus quartos de hóspedes, senhora baronesa? Devem estar cheios, não?

Simone – Não terá sido a senhora a alertar a imprensa para esta aldeia onde as pessoas vivem eternamente?

Charline – Não tenho nada a ver com essas notícias falsas, acreditem-me...

Marc chega.

Marc – Senhoras e senhores.

Charline – Ao contrário de alguns que propagam rumores sobre mim, fazendo-me passar por criminosa.

Marc – E por que razão eu iria fazer algo assim, peço-lhe?

Charline – Para me impedir de me candidatar contra o senhor nas próximas eleições, por exemplo.

Simone – É verdade que um presidente que promete aos seus eleitores a vida eterna... Vai ser difícil para os outros candidatos!

Marc – Vamos, não tenho tal poder, sabem bem...

Francis – Já é tempo de pôr fim a toda esta desordem.

Victor – Isso é certo... Se ninguém morrer por simples decisão administrativa, acabou-se a cristandade!

Louise – De que serve prometer um bilhete de ida ao paraíso se ninguém faz a viagem?

Victor – E o mesmo se aplica ao inferno...

Marc – O que pensa fazer, Padre?

Francis – Vou celebrar uma missa para implorar a ajuda de São Barnabé.

Marc – Aquele que devolve a vista aos paralíticos? Então estamos tranquilos...

Simone – Isso era na Idade Média, pelo menos as suas vítimas já não correm o risco de se manifestar...

Apagão.

Simone consulta o seu telemóvel atrás do balcão. Louise está sentada numa mesa. Marc está no balcão.

Simone – Ouçam esta... *(Lê)* Em 1907, um médico americano estudou seis doentes em estado terminal. Afirmou que, no momento da morte, o corpo perdia cerca de vinte e um gramas. Concluiu que era esse o peso da alma.

Louise – 21 gramas... Não é muito...

Marc – E ainda assim, acho que a alma de alguns dos nossos concidadãos pesa ainda menos do que isso...

Louise – Está a pensar em alguém em particular?

Francis chega.

Simone – Senhor padre, uma pergunta: quanto pesa uma alma?

Francis – Desculpe?

Simone – Estava a brincar... Mas parece que São Barnabé ouviu a sua oração, padre...

Francis – Ah, sim?

Simone – Victor nos deixou esta noite.

Francis – Não? O pobre homem. O Senhor o terá chamado a Si.

Louise parece não ter entendido bem.

Louise – Quem morreu?

Simone – Victor. É Victor quem morreu, Louise.

Louise – Victor...? Isso surpreende-me dele.

Marc – Ah, sim? E porquê? Ele já tinha 102 anos.

Louise – Durante a guerra, o Victor era daqueles que colaboravam com os ocupantes. Por isso, desobedecer assim a um decreto municipal...

Simone – Um resistente de última hora, em suma.

Louise – Mesmo assim, dá-me pena.

Francis – Nem sequer pude administrar-lhe os últimos sacramentos. Que descanse em paz...

Louise – A dele também não devia pesar muito... Mas o que aconteceu?

Marc – Depois dos cem anos, é uma pergunta que perde muito do seu significado.

Simone – De qualquer forma, o feitiço está quebrado. Os jornais já não poderão dizer que não se morre em Beaucon.

Marc – Adeus aos turistas e aos peregrinos. Beaucon não vai ser a próxima terra de milagres...

Simone – Mas, senhor presidente, ao morrer dentro do município, o falecido violou o seu decreto. Que sanções estão previstas para ele?

Marc – A urgência é sobretudo saber o que fazer com o corpo...

Victor chega. Os outros estão evidentemente atónitos.

Simone – Victor! Mas pensávamos que tinhas morrido!

Victor – Aparentemente, o Bom Deus não me quis. Provavelmente porque não tinha a autorização do presidente.

Louise – Mas, o que aconteceu?

Victor – Ontem à noite senti-me mal e chamei o doutor Pinot. Depois disso, só me lembro de acordar na morgue.

Marc – Na morgue?

Victor – O Doutor declarou-me morto por engano.

Simone – O Doutor Pinot... Devia estar bêbado outra vez...

Louise – Se eu desmaiar, por favor chamem outro médico. Não quero ser enterrada viva!

Apagão.

Simone lê o jornal atrás do balcão. Francis está sentado numa mesa, examinando documentos.

Francis – Raios, é isso mesmo...!

Simone levanta os olhos do jornal.

Simone – Ouvi bem, senhor padre? Estava a praguejar?

Francis – Que Deus me perdoe. Foi o entusiasmo que me fez perder a compostura. É por causa das relíquias de São Barnabé.

Simone – E... onde está o corpo?

Francis – É demasiado cedo para dizer, mas desta vez estou numa pista... Uma pista muito séria, mesmo...

Marc chega.

Simone – Ah, senhor presidente! *(Mostra-lhe um recorte de jornal.)* Isto tornou-se viral, como se costuma dizer. Depois desta ressurreição milagrosa, apresentam-no como o novo Messias. Até lhe chamam «o mago de Beaucon»...

Francis – É uma abominação, Senhor Presidente... É preciso acabar com esta loucura!

Marc – Reconheço que a situação me ultrapassou. O decreto era uma brincadeira para obrigar a baronesa a ceder o terreno. Nunca imaginei que a história chegasse tão longe!

Charline chega.

Simone – Justo a tempo. E não parece estar de bom humor...

Charline – Acabei de saber que o meu projeto de campo de golfe foi invalidado pelo conselho municipal.

Marc – Não era um bom projeto para o município. Nem para o planeta, aliás. O conselho alinhou-se com a minha opinião.

Charline – Diria antes que o senhor fez pressão.

Marc – De qualquer forma, é uma razão a menos para se recusar a vender ao município alguns terrenos da sua imensa propriedade... A menos que realmente tenha algo a esconder...

Charline – Acha que vou ceder-lhe aquele terreno só para provar que não enterrei o meu marido lá?

Francis – Não seja obstinada, senhora baronesa... É por uma boa causa.

Simone – Para as próximas eleições, este sentido do bem público poderá jogar a seu favor.

Francis – Além disso, Deus há de recompensá-la...

Marc – Se a Igreja pedir... e se Deus garantir o reembolso.

Charline hesita antes de decidir.

Charline – Está bem... Mas aviso-lhe, não vou vender a minha propriedade a preço de saldo.

Marc – Quanto pede?

Charline – Quinhentos euros por metro quadrado.

Marc – Esse é o preço do terreno edificável! E recordo-lhe que essa parte do seu parque não pode ser destinada à construção.

Charline – Afinal, o terreno é para novas moradas, não é? Então trato-o como terreno para construção. É pegar ou largar!

Marc permanece pensativo. Os outros aguardam a sua decisão.

Apagão.

Simone consulta o seu telemóvel atrás do balcão. Victor chega.

Simone – Ouve isto... As distâncias entre as galáxias são tão enormes que, se os extraterrestres viessem até cá, teriam de ser imortais para resistir a uma viagem tão longa...

Victor nem parece ouvi-la.

Victor – Está tudo tão vazio... Morreu toda a gente, ou quê?

Simone – Pelo menos agora temos espaço para os receber.

Victor – Aos extraterrestres?

Simone – Aos mortos! O presidente colocou esta manhã a primeira pedra para o novo cemitério. Estiveste lá?

Victor – Não ia perder isso... Quando se compra sobre o papel, é sempre melhor vigiar a obra.

Simone – Está tudo em ordem, em suma. Mas todos os curiosos também já se foram.

Victor – É verdade que deixa um vazio.

Simone – Espero que o senhor padre consiga finalmente as relíquias de São Barnabé, isso reativaria um pouco os negócios...

Marc chega com Louise.

Marc – Senhoras e senhores.

Simone – Senhor presidente, então? Parece que perdeu a auréola. Acabaram-se os milagres?

Marc – Não me digas... Desde que suspendi esse decreto, os velhos caem como moscas na comuna...

Victor – A propósito, há algum tempo que não vemos a Baronesa...

Simone – Não morreu, pelo menos?

Marc – Não sabem? A baronesa está detida pela polícia...

Victor – Não? Porquê?

Marc – Durante as escavações preparatórias para ampliar o cemitério, encontraram ossadas humanas no terreno dela.

Louise – O seu marido?

Marc – Provavelmente.

Louise – Então os boatos eram verdadeiros...

Victor – E eu que a julgava uma santa... Apesar de nunca fazer concessões!

Louise – Sempre pensei que tinha cara de assassina em série.

Simone – Acham que ela poderia ter matado outros, e que o seu parque já está cheio de cadáveres?

Victor – Esperemos que não, porque se for o caso... o novo cemitério estaria completo ainda antes da sua inauguração.

Charline chega.

Simone – Senhora baronesa! Já a libertaram?

Charline – Fui vítima de um erro judicial!

Marc – Mais um...

Charline – As análises mostram que as ossadas encontradas no meu parque são muito mais antigas do que se pensava.

Simone – Muito mais antigas? Quer dizer... de um Neandertal ou coisa assim?

Charline – Bastante antigos para que não me possam culpar de homicídio.

Francis chega, bastante emocionado, com o seu dossiê debaixo do braço.

Francis – Estão a par?

Marc – Por causa dessas ossadas? Sim. A baronesa alega ter um álibi: ainda não tinha nascido quando o crime foi cometido...

Francis – Estes restos foram descobertos no local exato onde se encontrava a antiga abadia destruída durante a Revolução.

Victor – Podem ser as relíquias de São Barnabé?

Francis – É uma hipótese bastante séria, que terá de ser confirmada por novas análises.

Marc – Pelo menos, agora temos espaço para receber o seu Santo.

Francis – Precisamente sobre isso...

Marc – O que acontece agora...?

Francis – Os documentos que encontrei na cripta mostram que os antepassados da baronesa, ao comprarem a propriedade e o título de nobreza na época de Napoleão, se apropriaram de parte do antigo cemitério para ali construir as cavalariças.

Marc – Ora essa...

Francis mostra um documento.

Francis – Reparem... Nesta gravura veem-se os limites do antigo cemitério, que era muito maior. E abrangia boa parte do atual parque do castelo.

O presidente examina os documentos que o padre lhe oferece.

Marc – No fundo, este terreno vai apenas recuperar a sua função original. E, a julgar pela gravura, a câmara até pode reclamar uma área bem maior.

Francis – Os cadastros modernos datam de Napoleão...

Marc – Agora percebo porque ninguém se apercebeu desta apropriação indevida de terreno público. Senhora baronesa?

Charline *(pouco convincente)* – Garanto-vos que não sabia de nada...

Marc – Então pediremos à justiça que resolva este litígio.

Charline parece incómoda.

Charline – Um bom acordo é sempre melhor do que um mau julgamento, não é assim...? (A contragosto) Aceito doar este terreno ao município. Com a condição de que a câmara renuncie a qualquer outra pretensão sobre a minha propriedade.

Marc – Agradeço-lhe a sua generosidade tão espontânea, senhora baronesa. Em nome da reconciliação, aceito de bom grado a proposta.

Simone – Pode sempre instalar um minigolfe no parque que lhe resta... Para isso não precisa de autorização, pois não, senhor presidente?

Marc – De qualquer forma, em breve teremos um cemitério maior. Por isso, esta proibição de falecer no território do município já não faz sentido.

Simone dirige-se a Victor e Louise, que parecem ter agora uma relação mais próxima.

Simone – Ouviram, meus velhotes? Já podem morrer...

Louise – É um convite?

Victor – Bem, também não temos pressa...

Simone – De qualquer forma, já não terão que disputar o último lugar no cemitério. Mas parece que o momento já não é para brigas entre vocês, não me engano?

Louise – Esta provação aproximou-nos, não foi, Victor?

Marc – Não me digam que vão casar-se?

Victor – Não, mas decidimos comprar um jazigo para os dois.

Marc – Fazem muito bem. Para um casal jovem, investir em pedra é sempre um bom negócio a longo prazo.

Simone – Uma rodada por minha conta, para festejar o início das obras do novo cemitério!

Música. Simone enche os copos. Victor convida Louise para dançar. Marc convida Charline.

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-254-8

Documento para download gratuito